

Versão On-line

ISBN 978-85-8015-039-1

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2008

FUNDAMENTOS DIALÓGICOS PARA A LEITURA DE POEMAS E ELABORAÇÃO DE POSTAIS POÉTICOS¹

Valda Suely da Silva Verri¹

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão sobre o dialogismo como princípio orientador da leitura em sala de aula com base em um trabalho feito na escola. Trata-se da leitura de poemas feita por alunos do Ensino Médio, em 2008, em uma escola estadual de Maringá – PR. O trabalho consiste na análise de alguns poemas e na produção de postais poéticos utilizando os textos estudados. A produção final se resume em cartões virtuais que combinam duas diferentes linguagens: verbal e não-verbal. O objetivo de tal atividade foi mostrar como a aula de leitura de textos poéticos pode ser feita de uma maneira lúdica que leva em conta o conteúdo do texto, em detrimento da história da literatura ou das biografias dos autores, sem abandonar a perspectiva de uma leitura crítica. Para tanto, empregou-se o método semiológico que prioriza, na relação entre texto e leitor, o conceito bakhtiniano de dialogismo.

PALAVRAS-CHAVE: leitura. poemas. postais poéticos

ABSTRACT: The current essay reports a discussion about dialogism as a principle that orients the reading classes which basis at a work made at school. The matter is the reading of poems from high school in a state one in Maringá - PR, in the year 2008. The work consists in the analysis of some poems and in the production of poetical postcards using the studied texts. The final production summarizes in virtual cards that combine two different types of languages: verbal and not-verbal. The aim of this activity was to show how the reading class of the poetical texts can be taken in a playful way which considers the context of the text, in detriment of the history of literature or about the biography of the authors. Actually, our work is using the semiologic method which gives priority to the relation between text and reader, that's the bakhtinian dialogism concept.

KEYWORDS: reading. poems. poetical postcards

Introdução

A poesia ainda pode ter seu espaço e sua vez na sociedade moderna, que tem como uma de suas marcas a corrida em torno do tempo. São muitas

¹ Professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação/PR, atuando no Colégio Estadual Adaile Maria Leite – Maringá-PR. Especialista em Literatura e Ensino (UEM), Mestre em Letras - Estudos Literários - (UEL), doutoranda em Letras - Estudos Literários – (UEL).

as iniciativas de professores que buscam recuperar o prazer da leitura poética e o sabor de palavras combinadas. Experiências publicadas em sites e revistas de educação e os programas de capacitação para professores tentam mostrar que é possível e necessário romper com o preconceito que se situa em torno da dificuldade de trabalhar com poemas.

Dentre os textos literários, este é o que tem alto poder de síntese e que fala muito nas entrelinhas. Por esta razão, para além das dificuldades encontradas pelos professores para explorar a leitura do poema, existe a dificuldade que a maioria dos alunos apresenta para aceitar e para dialogar com este tipo de texto, que, como texto literário, abre espaço para a participação ativa do leitor, conforme discute Umberto Eco (1991). Dessa forma, não pressupõe apenas a decodificação do enunciado e, por isso, a escola encontra, hoje, um grande desafio para explorar leitura de poemas.

A visão que os estudantes possuem do gênero poético é, então, um outro possível fator que dificulta a sua leitura e também precisa de uma revisão. A maioria dos alunos, especialmente na fase da adolescência, que caracteriza o Ensino Médio, trazem para a escola uma noção de poema, que se pauta, senão numa obrigatoriedade decorrente das provas de vestibular, numa visão conservadora e já ultrapassada do que seja poesia, pois vêem-no como um texto que deve ser rimado e prestar-se, como prática cultural à homenagem de pessoas ou ocasiões. Vêem a poesia, ainda, como textos para exaltar a pátria, pais, mães e professores nas respectivas datas comemorativas.

Outro fator que se impõe como possível causa do problema da leitura são os materiais didáticos, que, muitas vezes, trazem apenas trechos mais conhecidos de poemas e não os poemas inteiros. Esta fragmentação tem uma função totalmente equivocada e ideológica: subordinar o texto poético às necessidades políticas de sacralização da visão de história e identidade nacionais dominantes na sociedade brasileira – assim reafirmando a doxa – através da imposição da leitura e do conhecimento de autores e suas obras mais frequentes na tradição, de modo a reafirmar sempre o mesmo cânone. A aula de literatura, no Ensino Médio, quando pautada apenas nestes materiais,

é apenas aula de história da literatura e de valorização dos nomes e biografias de escritores já consagrados, a fim de colocá-los em uma espécie de “pedestal” e impor uma leitura pré-determinada, que não incentiva os alunos a buscar outros significados que também possam ser pertinentes ao texto. É necessário, pois, fazer o aluno notar que cabe ao gênero poético algo mais do que isso – além, é claro, de fazê-lo perceber o gesto político existente por detrás do cânone e de sua imposição por alguns currículos escolares.

Nossa experiência na Educação Básica permite perceber que os alunos desta faixa etária lêem muito. Mas lêem outros tipos de textos que, na maioria das vezes, não são os veiculados pela escola. A sociedade contemporânea é toda rodeada pelas imagens (TV, computador, outdoors e outras propagandas visuais, etc) e estas imagens necessitam ser lidas. A internet é uma realidade presente na vida dos adolescentes. A dificuldade que a maioria deles apresenta para aceitar e para dialogar com poemas e com livros de maneira geral leva-nos à busca por um objeto de leitura que, sem fugir dos objetivos das aulas de Português, que é o de explorar a língua como um fato social, e, no caso da literatura, também pelo seu caráter estético e humanizador, consiga se aproximar mais destes indivíduos. Nesse sentido, a escola se vê hoje na necessidade de propor um trabalho que esteja mais próximo do universo do aluno, que é o do mundo virtual. Segundo Fantinati (1996), as instituições de ensino, desde o nível da pré-escola até os cursos de graduação, restringem o ato de ler à leitura de livros e esta é uma realidade que precisa ser revista. Argumenta ele que:

Se pegarmos a leitura ligada a livro, talvez o jovem esteja se afastando, mas, se pegarmos a leitura como capacidade de compreender o verbal e o não-verbal, os múltiplos códigos que estão na sociedade, talvez nunca se tenha lido como hoje (FANTINATI, 1996, p. 5).

Pensando nisto, nosso projeto de intervenção pedagógica teve, como objetivo final, a produção de postais poéticos. Seu desenvolvimento possibilitou explorar a leitura de poemas e a seleção e/ou produção de imagens para os mesmos, o que permitiu abrir o leque de leitura ao considerar a

intertextualidade entre um gênero de texto verbal (o poema) com outros visuais (o desenho e a fotografia). Além disso, possibilitou aos alunos o manuseio de programas para edição de textos e imagens. Por tais razões, a proposta contempla a idéia de que a leitura não remete apenas ao livro e deve incluir outros meios de circulação e produção de textos além dos verbais e impressos, conforme observa CHARTIER (2008):

Para mim, me parece que hoje em dia, ou no futuro, poderemos falar de uma revolução que se entrelaça com a técnica eletrônica. Porque, pela primeira vez, estes três níveis: o nível da técnica, o nível da forma de suporte e o nível da prática de leitura se transformaram ao mesmo tempo. Quer dizer que a textualidade eletrônica é, evidentemente, uma revolução tecnológica, que transforma totalmente a forma de inscrição da cultura escrita, substituindo pela tela do computador todos os objetos e cultura impressa: o livro, o jornal, a revista, etc. E isso implica, ou permite, uma transformação da relação com o texto escrito pelo leitor.

Queremos deixar claro que não propomos uma troca no sentido de que as mídias eletrônicas devam substituir por completo o livro ou qualquer outro material impresso. Nosso objetivo foi levar o aluno a ler poemas, na tentativa de diminuir o obstáculo que se impõe entre ele e esta linguagem. Para tanto, buscamos, ao mesmo tempo, trazer os alunos ao universo da literatura, bem como, levar a literatura para o universo próprio do aluno, do qual fazem parte o visual, a informática, o ambiente virtual. Assim, acreditamos ter proposto a eles uma aula de literatura mais próxima do lúdico, considerando a realidade da presença das mídias na sociedade.

Partindo deste princípio, pensou-se em desenvolver este trabalho com a leitura de poemas, seguida da produção de postais poéticos, utilizando o laboratório de informática da escola. O uso destes instrumentos teve o claro objetivo de promover maior aproximação entre o mundo do aluno e os conhecimentos historicamente construídos, preconizados pela escola. Com esta proposta de trabalho, buscamos levar os alunos a relacionar-se com a leitura de textos poéticos, procurando conduzi-los a perceber como a literatura

é capaz de revelar o conhecimento do homem, sem abandonar uma perspectiva crítica de leitura. No texto “A literatura e a formação do homem” (1972), Antonio Candido defende, no texto literário, uma função humanizadora. Ou seja, sua capacidade de desenvolver ou aprofundar traços humanos no homem, como a reflexão, refinamento das emoções ou aspectos envolvidos no relacionamento com o outro.

Candido afirma que é possível e necessário trabalhar dois aspectos da literatura – forma e conteúdo. Isso possibilita que se tenha uma visão mais completa do objeto literário. O autor defende uma visão que integre, num todo explicativo e coerente, a noção de estrutura e de função, propondo um estudo que contemple dois momentos: um de cunho estruturalista, mais analítico, que se atenha somente aos elementos formais da obra enquanto objeto de conhecimento; e outro momento crítico “que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana” (1972, p. 804). Nesse segundo momento, conteúdo, contexto, leitor e autor devem ser considerados. Dessa forma, a integração dos dois momentos acima descritos levaria a um estudo que vê a literatura como “força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.”(1972, p. 806).

Com base nestas concepções, nosso trabalho buscou não se esgotar em explorar o caráter humanizador do texto literário. Foi necessário também levar esses leitores a perceber a arte da palavra, presente no texto poético. Dessa forma, exploramos a leitura dos poemas, de modo que o aluno pudesse perceber neles também a elaboração estética da linguagem, como cada um dos textos funciona, o que pode auxiliar também na mencionada humanização.

Sobre um trabalho realizado com postais poéticos dentro do ambiente escolar, encontramos um relato de experiência. Trata-se do artigo: “Uma pausa para a poesia com imagem e som...” (REIS, 2006). O texto, publicado na revista *CidadeArte*, descreve uma experiência realizada com alunos da oitava série de uma escola municipal de Maringá/PR. O trabalho foi desenvolvido nas aulas de informática, com o auxílio das professoras Língua Portuguesa, que exploraram anteriormente a linguagem poética e acompanharam os alunos

durante a confecção dos postais. Por se tratar de aulas de informática, o objetivo principal foi o manuseio do programa Power Point, para levar os alunos a aprender como fazer apresentações de slides. Evidentemente, o tema proposto conduziu-os a mais que isso, possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade em relação ao texto poético e isso é também comentado na reportagem por uma das professoras.

Nosso trabalho, diferentemente deste, priorizou a leitura do texto. Na busca das figuras, tivemos o objetivo bem marcado de expressar o emprego da subjetividade para atribuir significados aos textos. Nosso trabalho se diferencia deste acima relatado, na medida em que realiza a produção dos postais poéticos, tendo como objetivo principal a leitura dos poemas e não o manuseio dos instrumentos de informática. Diferencia-se ainda por não priorizarmos a exibição dos trabalhos finais como um trabalho acabado. Assistimos ao vídeo final, montado com os postais dos alunos e isso não representou, para nós, o final do trabalho, mas sim apenas uma etapa concluída, uma vez que mostrou a possibilidade da realização de outros trabalhos sugeridos pelo grupo para o ano letivo seguinte.

Desenvolvimento

Nossa atividade teve início a partir da interação com a coordenação pedagógica da escola, sem o apoio da qual seria impossível de se realizar. Fez-se necessário encontrar os horários mais apropriados uma vez que, para a realização deste trabalho, necessitamos da disponibilidade dos alunos e do uso do laboratório de informática.

Após entendimento com a coordenação da escola, foi feita a seleção dos alunos para participarem da equipe. O critério de seleção foi o de interesse dos alunos, uma vez que, para o desenvolvimento desta tarefa, eram necessários alunos que já tivessem conhecimentos de informática, pois não dispúnhamos de tempo para habilitá-los. O número de alunos foi limitado em função do espaço disponível no laboratório de informática, bem como de uma quantidade de alunos adequada para dividir a atenção do professor. Foram convidados os

alunos de todas as turmas do Ensino Médio, deixando bem clara a necessidade de algum conhecimento prévio sobre o uso da informática. Como, em algumas turmas, o número de interessados foi maior que o número de vagas, foi necessário, nesses casos, realizar sorteios.

A primeira etapa do trabalho com os alunos constituiu-se na apresentação de alguns postais poéticos. O objetivo desta foi de que os alunos construíssem um conceito a respeito deste gênero textual, bem como daquilo que confere qualidade estética e este tipo de textos. É necessário acrescentar que postais poéticos são um gênero textual que surgiu como material impresso, vendidos, a princípio, apenas por poetas em praças e, com a expansão do uso da internet, este gênero passou a circular também no meio virtual. São trabalhos que buscam combinar, de forma criativa, texto escrito e imagem. Hoje são veiculados, no meio virtual, geralmente em sites de arte e cultura.

Cada postal apresentado foi discutido, buscando compreender cada uma das duas linguagens ali presentes e a relação entre elas: a linguagem verbal (palavras) e a linguagem não-verbal (imagens). O objetivo principal foi sempre de levar o aluno a perceber se cada imagem servia ao enriquecimento do texto escrito a ela vinculado, considerando as múltiplas possibilidades interpretativas que o texto literário sugere, ou se apenas reproduzia um tema correspondente a um ícone mais facilmente perceptível no texto e, portanto, sem nada a ele acrescentar.

O material apresentado aos alunos, depois de reestruturado, constituiu nossa produção didática exigida pelo programa. Com este objetivo, um vídeo está produzido com a apresentação de alguns postais. Estes são acompanhados de questões que instigam a discussão sobre cada um deles, bem como de uma conceituação desse gênero textual e de conceitos teóricos sobre arte, o que também se fez necessário para conceituá-los. Adotamos, então, como auxílio bastante expressivo, algumas palavras de Alfredo Bosi (2001, p. 13): “A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *trans-forma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura” (grifo do autor). Nosso trabalho tencionou mostrar que é possível operar uma

transformação da leitura dos poemas a partir da sua combinação com uma figura escolhida pelos alunos.

Procurando também mostrar aos alunos como o elemento artístico faz parte do nosso cotidiano, sem a necessidade de proceder a uma sacralização da arte, recorreremos ainda a Costa, que argumenta:

[...] somos uma fonte inesgotável de sentidos estéticos, tão inerentes à nossa identidade como o nome de nascimento. De forma tão instintiva como respiramos, vamos organizando, desde o nascimento, uma maneira própria de perceber e apreciar o mundo, através da descoberta contínua e permanente de suas propriedades estéticas. E de tudo o que o mundo pode nos oferecer de interessante, a beleza é seguramente a qualidade que mais emociona e encanta, que registramos mais facilmente na memória e a que adere naturalmente à nossa emotividade. (COSTA, 1999, p.107).

Com este comentário, buscamos mostrar que o prazer de apreciar a arte está presente em cada ser humano, e que tanto a arte da palavra que é nosso objeto de estudo, quanto qualquer outro tipo de arte são necessários e constantes na vida humana. É necessário, pois, experimentar, exercitar a sensibilidade inerente a cada um.

Um outro momento foi dedicado à leitura dos poemas que foram utilizados para a confecção dos postais poéticos. Esta etapa teve a intenção de que os alunos atribuíssem significados a esses textos. Significados que sejam coerentes com os limites que os textos possibilitam, necessitando, portanto da participação ativa do professor, no sentido de observar estes limites.

Dessa forma, após analisados os postais, passamos à leitura de alguns poemas. Para esta etapa, consideramos que a leitura do texto literário, nas aulas de Língua Portuguesa, não pode se limitar a um trabalho que se dá de forma automática, esgotando-se na sua estrutura ou com a mera valorização de títulos consagrados, conforme já comentamos anteriormente. Tampouco pode dedicar-se à pregação de modelos a serem seguidos ou unicamente da imposição de leituras para atender às cobranças dos vestibulares. É preciso explorar a leitura da literatura, como forma de humanização, de conhecimento do homem, conforme discute Cândido (1972).

Dentro dessa função maior da literatura, a humanizadora, o autor apresenta outras três que estão a ela relacionadas: a psicológica, a formativa e a do conhecimento do mundo e do ser. A primeira delas refere-se à necessidade de fantasia que é inerente a todo ser humano, seja ele primitivo ou civilizado, criança ou adulto, alfabetizado ou não. A literatura, segundo ele, é uma das modalidades que corresponde, de forma mais rica, a essa necessidade, que pode ser atendida pelas formas mais elementares (piadas, adivinhas e trocadilhos) ou pelas formas mais complexas (lendas, mitos, contos, romances, poemas, e ainda, na contemporaneidade, as telenovelas, o cinema etc).

No que diz respeito à função formativa, Candido comenta o papel educativo que a literatura pode ter. Ao recriar a realidade, a literatura pode apresentá-la em seus bons e maus aspectos, portanto não se deve esperar que ela sirva como veículo de preceitos morais e de bons costumes. Diante disso, podemos afirmar que o efeito no leitor é imprevisível, pois um mesmo texto pode educar para o bem ou para o mal, formar o caráter socialmente esperado do indivíduo ou dar espaço para que impulsos anti-sociais se manifestem. Nas palavras de Candido “a literatura não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente o que chamamos de bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (1972, p.806). Isso se explica pelo fato de que ela é uma modalidade de expressão da fantasia humana e, se esta fantasia sempre contém algo da realidade em que o homem está inserido, essa transfiguração do real evidenciará níveis da complexidade humana. Será falsa se trazer apenas o belo e o bom ou se trazer apenas o feio e o ruim da vida, mas será eficaz e verdadeira se problematizar situações que considerem esses dois pólos.

A terceira função da literatura citada pelo autor é a do conhecimento do mundo e do ser. Segundo Candido, este conhecimento manifesta-se por vários níveis que o autor organiza através da forma, do sentimento que exprime e da posição ideológica que assume. Tal conhecimento pode ser uma aquisição consciente de noções e emoções, como pode também manifestar-se nas

camadas do inconsciente, incorporando-se ao indivíduo como enriquecimento difícil de avaliar.

Nosso trabalho, além de se alicerçar num conceito sobre a função da literatura, traz também implícitas concepções mais amplas de linguagem e de leitura. É sabido que a proposta de trabalho com o texto literário oferecida pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná por meio das Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa está pautada na teoria da Estética da Recepção. Para que se atinja os objetivos propostos por este método, é necessário desenvolvê-lo dentro das cinco etapas que o compõem. São elas:

- a) Determinação do horizonte de expectativas;
- b) Atendimento de horizonte de expectativas;
- c) Ruptura do horizonte de expectativas;
- d) Questionamento do horizonte de expectativas e
- e) Ampliação do horizonte de expectativas.

Em razão da carga horária dispensada aos professores PDE/titulados (na qual nos inserimos) ser bastante curta, o desenvolvimento do nosso trabalho, com este método, ficaria bastante prejudicado e comprometido em sua qualidade, uma vez que a aplicação de todas as etapas preconizadas pelo método exige um período de tempo mais abrangente. Por esta razão, para realizar a leitura dos poemas, optamos por empregar uma metodologia mais simplificada em sua aplicação, mas que também nos permite atender à solicitação das Diretrizes no que se refere à sua proposta de interação entre texto e leitor.

Buscando, então, uma leitura crítica, que possa auxiliar na apreensão do arranjo artístico da linguagem, que auxilia no entendimento do ser humano, empregamos o método Semiológico, o qual se pauta na mesma concepção de linguagem adotada pelas Diretrizes Curriculares que é oferecida por Bakhtin: a interacionista. Para este estudioso, as palavras possuem uma carga ideológica, o que interfere nas relações pessoais. Assim ele se manifesta:

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em

nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2004, p. 95).

Num trabalho pautado no método semiológico, a linguagem humana é vista como “um produto eminentemente social, decorrente do contato entre seres humanos e portador dos valores de diversas classes sociais” (AGUIAR, 1988, p. 132). O objetivo das aulas de literatura, orientadas por esta linha de trabalho, é também fazer com que os alunos possam apreender os procedimentos de que o produtor do texto se vale para satisfazer seus interesses em relação ao destinatário.

Desta forma buscamos atingir o que destaca a autora a seguir:

Em diálogo com as diferentes vozes textuais o leitor passa a fazer parte de um mundo social mais complexo, no qual ele pode reconhecer-se como sujeito ativo do seu grupo social e não um mero observador (AGUIAR, 1988, p. 135).

As palavras de Bakhtin podem ainda auxiliar a esclarecer nosso ponto de vista sobre a linguagem, quando afirma que:

[...] todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ele se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. (BAKHTIN, 2004, p. 117)

Vemos que a palavra se constitui, então, numa espécie de ponte entre um indivíduo e outro. É determinada pelo fato de que procede de alguém e também por se dirigir a alguém. É ela quem constitui uma espécie de território comum entre ambos. Para Bakhtin, em um determinado momento, o locutor é incontestavelmente o dono da palavra, porém, a realização deste signo é determinada pelas relações sociais, ou seja, o interlocutor interfere no discurso do locutor, assim como seu conhecimento prévio.

Em Bakhtin (2004) encontramos também algumas respostas às indagações sobre como se processa a expressão do homem pela linguagem e

em que medida outras vozes podem estar implícitas nesta expressão. O estudioso faz uma longa reflexão sobre ideologia e descreve como ela se faz presente, como se relaciona ao signo, ou seja, ao sentido das palavras. Para ele, cada signo reflete e refrata a realidade. Assim cada signo lingüístico não é apenas um reflexo da realidade, como também um fragmento material desta realidade. Então a consciência do homem adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Para ele, a palavra, material mais privilegiado da comunicação, torna-se o modo mais puro e sensível da relação social. Tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos, as palavras servem, então, de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.

Vemos, então que, para Bakhtin, a escolha das palavras que organizam o discurso de um falante não se dá por mera obra do acaso, mas está estreitamente ligada à ideologia do falante. Também se compreende que a língua só faz sentido numa situação de comunicação. Ela “pressupõe” uma situação de comunicação e o sentido da palavra empregada por um falante é totalmente determinado por seu contexto. Os interlocutores encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto. Logo, um ato de fala não pode ser de forma alguma considerado como um ato individual no sentido estrito do termo e não pode ser explicado apenas pelo aspecto do sujeito falante. Tem natureza social, pois, ainda que seja escrito, ainda que não haja uma presença física do receptor, todo texto é dirigido a alguém. Bakhtin nos oferece a explicação bastante concisa de que “[...] tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN, 2004, p. 111).

Assim o ato de se expressar comporta duas facetas, o conteúdo que é interior e a sua objetivação exterior para outrem. Essas duas facetas devem ser inevitavelmente levadas em conta em qualquer ato de expressão, que pressupõe, então um “eu” e um “tu”, numa situação de troca. Considerando essas duas extremidades, presentes no ato de comunicação, podemos nos

referir ao conceito de enunciação, oferecido por Bakhtin, a partir de algumas de suas breves palavras:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio deste grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor. Ela é função da pessoa desse interlocutor. Variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for interior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN, 2004, p. 112)

Sendo a palavra uma ponte entre os indivíduos, conforme já mencionamos, ela é determinada pelo fato de que procede de alguém e também por se dirigir a alguém. Assim, antes de mais nada, a enunciação é determinada, de maneira imediata, pelos participantes do ato de fala, conferindo uma situação bem precisa. A situação forma a enunciação, propiciando ao discurso a escolha de um determinado tom em vez de outro. “A situação e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” (BAKHTIN, 2004, p. 113). A forma e o estilo ocasionais da enunciação são determinados pelos participantes mais imediatos. Bakhtin argumenta ainda que o estágio inicial de desenvolvimento da enunciação se dá na alma. Primeiramente ocorre a tomada de consciência, a qual está diretamente relacionada à ideologia e o contexto social determina quais serão os ouvintes possíveis.

Estamos, com esta discussão, referindo-nos também ao dialogismo, tão marcante nas obras de Bakhtin. Vimos que todo discurso tem como referente um interlocutor. Este auxilia na elaboração do discurso do locutor, cerceando os limites, o tom, etc. Assim, podemos dizer, conforme Bakhtin que:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode compreender a palavra “diálogo” num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face,

mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.
(BAKHTIN, p. 2004, 123)

Para Bakhtin, o texto define-se pelo diálogo entre interlocutores e pelo diálogo com outros textos. Interessa-nos aqui a primeira relação citada por ele, uma vez que não nos propomos a descrever a relação de intertextualidade, mas a relação entre indivíduos que se intercomunicam no momento da enunciação. Para o autor, a interação dos interlocutores funda a linguagem. O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação. A interação é a realidade fundamental da linguagem. Os estudos de Bakhtin definem a interação verbal como humanizante ou sociológica. Nesse sentido, ele explica que a alteridade e a autoconsciência definem o ser humano. Assim o **outro** é sempre imprescindível para a sua concepção sendo impossível pensar no homem fora das relações que o ligam a outro. Zoppi-Fontana (1997) nos auxilia a compreender Bakhtin, fazendo o seguinte levantamento desse tema bastante marcante na obra desse pensador:

[...] Bakhtin mobiliza o conceito de **extraposição** e seu correlato, o conceito de **excedente da visão**. Estes conceitos retornam insistentemente em seus trabalhos ao longo dos anos e são utilizados para descrever a relação do autor com as personagens no romance, do eu e do outro no acontecimento de comunicação, do leitor atual em relação a obras e culturas anteriores e do cientista principalmente das ciências formais e naturais, face ao objeto de conhecimento. (ZOPPI-FONTANA, 1997. p. 117)

Essa nossa visão do texto leva em conta a visão desse pesquisador russo quando considera o texto na interação verbal entre o “eu” e o “tu”. Para ele, o dialogismo é a condição do sentido do discurso. Este constitui uma característica essencial da linguagem e princípio constitutivo de todo discurso, muitas vezes mascarado. Este é, então, o aspecto do dialogismo que nos interessa por ser o campo que se ocupa do espaço interacional entre os dois comunicadores dentro do texto, considerando que, para Bakhtin, nenhuma palavra é nossa, pois traz em si a perspectiva de outra voz. Barros (2003) também nos oferece algum auxílio para esclarecer essa questão.

[...] o sujeito deixa de ser o centro da interlocução que passa a estar não mais no *eu* nem no *tu*, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto. Descentrado, o sujeito divide-se, cinde-se, torna-se um efeito de linguagem, e sua dualidade encaminha a investigação para uma teoria dialógica da enunciação. (BARROS, 2003, p. 3)

Numa relação face a face, vemos que muitas formas de reforço extralingüístico podem interferir e auxiliar na comunicação, pois os parceiros podem mutuamente se questionar de forma a saber se a comunicação foi estabelecida. A relação que se dá por meio da leitura difere consideravelmente desta, uma vez que o texto, depois de gerado, é entregue a uma multiplicidade de atos de interpretação, conforme nos anuncia ECO (1991). No entanto, mesmo sendo a leitura do texto escrito destituída da relação face a face, seguramente os parceiros podem se questionar e interagir. Isso se dá porque o texto escrito apresenta espaços interpretativos que esperam ser preenchidos pelo leitor e que, ao mesmo tempo, são cerceados pelo próprio texto.

Assim Bakhtin expressa, até de certa forma poética, os limites da participação das duas partes envolvidas no discurso que constituem a enunciação.

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN, 2004, p. 125)

Nesse quadro, toma forma e sentido a concepção dialógica e de discurso que mais de perto nos interessam, para um trabalho de leitura e interpretação do texto literário escrito, feito com os alunos.

Concebemos leitura como sendo um processo discursivo, um processo de apreensão de sentido e de significação. Não há como pensar em leitura sem envolver os conceitos de autor e leitor, pois são eles os sujeitos que a tornarão

possível, e é apenas por meio deles que se dá a leitura. Entretanto, é necessário acrescentar que não se pode apreender (pelo menos por completo) o real, a realidade externa, por meio do texto, que é o nosso objeto “concreto”, o único que possuímos e sobre o qual podemos trabalhar. Por isso entende-se que só podemos envolver em nosso estudo autores inscritos no texto, apenas aqueles que o texto dá a conhecer, e não o que se pensaria como autores “reais”. Efetivamente, pode-se, então, buscar uma investigação sobre leitura e os atores envolvidos nesse processo dentro dos limites do texto que é onde se situa o enunciador.

Concebemos, ainda, a enunciação como um ato produtor do enunciado que coloca em funcionamento a língua por um ato de utilização. Não se pode, portanto, descrever a enunciação, mas suas marcas no enunciado permitem desconstituir o ato enunciativo.

Todo e qualquer enunciado tem como pressuposto o fato de ter sido proferido por alguém num tempo e num espaço, assim, na análise de um enunciado, a enunciação deve ser sempre considerada, uma vez que esta é uma instância lingüística pressuposta por aquele. Sendo produto, o enunciado pode conter traços que reconstituem o ato enunciativo. Nesta concepção, consideramos que qualquer troca de comunicações não é neutra e não carrega um só sentido. Ainda de acordo com as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná:

A obra literária não está somente ancorada, fixa ao contexto original de sua produção. A relação dialógica entre leitor, texto e autor, de diferentes épocas, acaba por atualizá-la, o que revela seu dinamismo, sua constante transformação (2008, p. 39).

Podemos ainda acrescentar que nosso trabalho se remete à proposta das Diretrizes no sentido de que:

O trabalho com a Literatura potencializa uma prática diferenciada com o Conteúdo Estruturante da Língua Portuguesa (o Discurso como prática social) e constitui forte influxo capaz de fazer aprimorar o pensamento trazendo sabor ao saber. (2008, p. 42)

Tendo por base as concepções teóricas mencionadas, foi que efetuamos a leitura de alguns poemas, dos quais deixamos a escolha a critério de cada aluno. Foram levados para a sala 40 poemas de diversos autores brasileiros, que deixamos circular pela sala. Após serem feitas as escolhas, pedimos aos alunos que registrassem suas primeiras impressões sobre cada texto. Exploramos, nos textos por eles escolhidos, a leitura das linguagens neles empregadas como modos que compõem o sistema, jogos de efeito e combinações, etc. Procuramos ainda fazer o reconhecimento do uso das linguagens que, empregadas nos textos de forma consciente ou não, podem levar o leitor a identificar-se ou a rejeitar. Procuramos explorar nestes poemas também posturas que, independentemente do fato de serem colocadas de forma intencional ou não, podem apontar para atitudes conformadoras ou emancipatórias em relação ao tema. Por fim, buscamos um tipo de leitura visando a uma interação dos sujeitos (alunos) com os textos na tentativa de dessacralização dos mesmos, diminuindo a elevação que se costuma atribuir à literatura canônica.

Após esta interação com o texto e seus mecanismos, a tarefa foi, então, de encontrar figuras que se relacionassem aos temas, para passarmos à etapa seguinte, a confecção dos postais poéticos. Foram escolhidos para a serem combinados às figuras oito poemas de Manuel Bandeira: “Andorinha”, “Teresa”, “Noite morta”, “Pneumotórax”, “O bicho”, “Arte de amar”, “Poema tirado de uma notícia de jornal”, “Namorados”; seis poemas de Carlos Drummond de Andrade: “Poesia”, “No meio do caminho”, “O mundo é grande”, “Poema que aconteceu”, “Quadrilha”, “Memória”; quatro de Mário Quintana: “Das utopias”, “Os poemas”, “Eu escrevi um poema triste”, “Inscrição para um portão de cemitério”; dois de Vinícius de Moraes: “O relógio” e “A um passarinho”; um de João Cabral de Melo Neto: “Tecendo a manhã”; um de Casimiro de Abreu: “Meus oito anos” e um de José Paulo Paes: “Convite”.

Levamos os alunos a encontrarem figuras que traduzissem os sentidos apreendidos por eles, nestes textos, para realizar a produção dos postais. A maioria delas foi encontrada no meio virtual. Foi necessário, durante todo o

processo de produção, a participação do professor no sentido de discutir com os alunos e refletir sobre os temas presentes nos textos e suas relações com as figuras por eles escolhidas, a fim de ouvir as suas justificativas pelas escolhas realizadas. Alguns alunos produziram apenas um postal, conforme lhes foi proposto. Entretanto, outros, dentro do mesmo espaço de tempo que os demais, dedicaram-se a mais que isso. É necessário ressaltar que houve o caso de um aluno que produziu cinco trabalhos, resultando, ao final, num total de 34 postais poéticos para os 25 alunos que se envolveram no trabalho.

É importante salientar também o fato de que alguns poemas foram escolhidos por mais de um aluno e que, para um mesmo poema, foram feitas diferentes escolhas de figuras. Alguns casos são, por exemplo, os poemas “O relógio” de Vinícius de Moraes, escolhido por três alunos, “Inscrição para um portão de cemitério” de Mário Quintana, também escolhido por outros três alunos e alguns outros poemas que foram trabalhados por dois alunos. Isso significa que cada aluno estabeleceu com o mesmo texto um diálogo diferente, ou seja, para um mesmo texto, diferentes leitores perceberam diferentes significados. Assim como, também houve o emprego de uma mesma figura em diferentes textos.

Concluídos os postais, coube ao professor a edição do vídeo onde foram incluídos todos os trabalhos produzidos. O critério de organização da seqüência foi apenas o agrupamento daqueles que se utilizaram do mesmo texto, a fim de mostrar as diferentes imagens e, conseqüentemente, as diferentes leituras que um mesmo poema é capaz de suscitar. À exibição dos trabalhos procurou-se harmonizar um fundo musical e, ao final, foram anexadas algumas fotos tiradas dos alunos durante o desenvolvimento dos trabalhos.

Por fim, foi marcada uma data para a exibição do vídeo. Para tanto, foi utilizada a TV pendrive da escola. Esta etapa teve a presença dos alunos, que, de produtores passaram a expectadores, aguardando o momento de visualizar cada qual a sua contribuição. Uma pedagoga da equipe de coordenação da escola esteve presente, o que auxiliou na discussão sobre o trabalho e na proposição de outras atividades possíveis a partir desta, o que foi sugerido

para ano letivo seguinte. Dentre as propostas, a que mais interessou a todos foi a de se produzir mais vídeos semelhantes a este e, reservar um dia para exibição ininterrupta, aberta à visitação, em uma sala montada para este fim, com o auxílio de um datashow (que deveria ser alugado). Isto poderia ser feito juntamente com a Feira Cultural da escola ou ainda num outro momento que se destacaria como o “dia da poesia”. Foi sugerido também que, num próximo trabalho, alguns alunos poderiam produzir os poemas, bem como as imagens (desenhos ou fotografias). A produção própria daria conta de resolver a questão dos direitos autorais, o que permitiria resultar também em publicação dos trabalhos em meio virtual, como era nosso objetivo para este trabalho no princípio. Questão esta que fez com que as produções dos alunos se limitassem ao ambiente da escola, sem reprodução para divulgação, uma vez foram empregados os poemas completos e que as figuras foram retiradas de sites da internet.

Conclusão

A realização deste tipo de trabalho oferece ao professor a possibilidade de perceber se os alunos estabeleceram realmente um diálogo (no sentido bakhtiniano) com o poema que escolheram para produzir os posts. Percebemos que alguns demonstram, pela escolha da figura, uma leitura que atribui ao texto os significados que não se encontram no nível do enunciado. Outros apenas vincularam ao texto figuras que reproduzem aquilo que se encontra explícito no texto, não enriquecendo o conteúdo que ali se apresenta. Estes últimos, não adentraram no texto de forma a considerar a enunciação. Ou seja, não estabeleceram um diálogo subjetivo com o texto, não atribuindo a ele significados que emanam de sua subjetividade dentro dos limites daquilo que o enunciado lhes possibilita.

Outro ponto importante a ser destacado é que houve troca de experiências entre os alunos. Além de discutirem com o professor os sentidos dos poemas e a escolha das figuras, muitos procuraram também a opinião dos colegas, o que permitiu que um tivesse acesso e pudesse opinar sobre o

trabalho do outro. No que se refere ao manuseio das mídias de informática, também houve interação entre a equipe, pois os mais experientes auxiliaram os demais a utilizarem o sistema Linux, implantado na rede, que não é familiar a todos eles.

Interessante observar que alguns alunos escolheram o mesmo poema. Entretanto, observamos que, para um mesmo texto, sujeitos diferentes conjugaram diferentes figuras. Isso mostra como o texto literário não se prende a um único caminho de leitura. É necessário que o professor esteja, portanto, sempre atento à plurissignificância característica do texto poético. Da mesma forma, em alguns casos mais isolados, foi possível notar o emprego da mesma figura para textos diferentes.

É necessário ressaltar que o objetivo principal do trabalho não se encontra apenas no resultado final, ou seja, na exibição da qualidade da produção feita pelos alunos. Antes, importa o processo de produção dos trabalhos que possibilita aos alunos a leitura dos textos sem a preocupação, neste momento, com seu vínculo à história da literatura e sim com seu conteúdo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. *Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. & FIORIN, José Luiz. (orgs) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2003.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2001.

CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem". In: *Ciência e cultura*, 24, p. 803-809, 1972.

COSTA, Cristina. *Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético*. São Paulo: Moderna, 1999.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. 8ª Ed. Trad. Giovani Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FANTINATI, E. C. Estudiosos preocupam-se com o ensino da literatura. *Jornal Líder*. Bandeirantes, 1996.

CHARTIER, Roger. *O livro, o leitor e a leitura*. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm. Acesso em 10 jul. 2008.

Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do PR – Disponível em www.diaadiaeducacao.pr.gov.br. Acesso em 18 jul. 2008.

REIS, Marisete Adorno. “Uma pausa para a poesia com imagem e som...”. In: Revista *CidadeArte*. Ed. 4 - 1º sem/2006. Maringá-PR. p. 30-31.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. “O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso” In: BRAIT, Beth (org) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 115-123.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS POEMAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: dez livros de poesia*. 10. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

_____. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

_____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade et. al. *Antologia de antologias*. São Paulo: Musa Ed., 1995

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas*. 3. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1979.

MOISÉS Massaud. *A literatura brasileira através dos textos* 22ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2000

MORAES, Vinícius de. *Poesia completa e prosa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 309

ⁱ Agradeço à atual gestão do Governo do Estado do Paraná, à Secretaria de Estado da Educação – SEED/PR - e ao Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE – que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho, construindo um programa pioneiro de incentivo à pesquisa com atuação dos professores da Educação Básica. Agradeço ainda a compreensão e o apoio da equipe de coordenação pedagógica do Colégio Estadual Adaile Maria Leite, onde o trabalho se desenvolveu, bem como aos alunos envolvidos no trabalho. É necessário lembrar também o trabalho de orientação feito pelo professor Marciano Lopes e Silva (UEM).